

A SUSTENTABILIDADE ATRAVÉS DO ECOTURISMO: uma análise do Núcleo Santa Virgínia e da Estação Ecológica de Bananal.

Fabio França Santos, Joaquim Alves dos Santos Neto², Valdevino Krom³

¹⁻² Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade de Taubaté - Rua Visconde do Rio Branco 210 – Centro, 12200-000 – Taubaté, SP
fabio@adm.inpe.br, jasantos.nt@uol.com.br

³ Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IP&D.
valkrom@univap.br

Resumo - O turismo ecológico tem crescido de forma significativa no planeta, principalmente nos países que apresentam variedade de belezas naturais e riqueza de fauna e flora. O Brasil oferece condições para se integrar nesse grupo e gerar uma receita significativa e prover a sustentabilidade das regiões turísticas. O Vale do Paraíba do Estado de São Paulo deveria ser uma região privilegiada no fluxo do ecoturismo, pois está localizado entre os dois maiores centros econômicos do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, e com fácil acesso e ainda, detém um imenso parque ecológico na Serra do Mar. Este trabalho pretende comentar sobre a situação de duas divisões deste parque, o Núcleo Ecológico Santa Virgínia e Estação Ecológica de Bananal localizados nas cidades de São Luís do Paraitinga e Bananal, respectivamente. Essas cidades necessitam de investimento para promover o seu desenvolvimento econômico, porém não têm aproveitado esta oportunidade do ecoturismo. Por meio de uma análise dessa situação baseada na bibliografia foram identificadas algumas ações que deverão ser reforçadas para aumentar o acesso de turista aos parques.

Palavras-chave: Turismo, Sustentabilidade, Vale do Paraíba, Ecoturismo.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

Introdução

Atualmente a humanidade tende a se concentrar nas grandes cidades o que muitas vezes gera um descontentamento com a qualidade de vida, sendo que o turismo representa uma forma de distanciar do seu meio e de seu cotidiano, tornando-se cada vez mais necessário para o bem-estar humano.

Diante desta realidade a busca do verde e a fuga dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos é uma prática muito comum o que gera uma oportunidade para as cidades que possuem características naturais preservadas de gerar empregos e desenvolver sua economia (RUSCHMANN, 2001).

O cenário da região do Vale do Paraíba é rico em oportunidades turísticas, podendo-se citar, por exemplo, as cidades como São Luiz do Paraitinga e Bananal no interior do Estado de São Paulo – SP que possuem características próprias que atraem turistas residentes nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo a procura de turismo ecológico.

Considerando que a região do Vale do Paraíba possui muitas belezas naturais, o turismo nestas regiões pode ser mais bem desenvolvido. O termo mais comum para designar o turismo associado com a idéia de ecologia (natureza) é o ecoturismo. O privilégio de ter grandes áreas verdes nativas na

proximidade, mantidas pela administração de parques nacionais e núcleos ecológicos pode gerar situações antagônicas. Primeiro está a dificuldade de garantir a preservação do ecossistema em contra partida existe a oportunidade da criação de receita através da exploração do turismo. A exploração do turismo também seria responsável pela geração de novos postos de trabalhos, os quais podem ser uma alternativa para a redução constante deste nas indústrias de manufatura, e ainda uma maneira de evitar o êxodo rural.

Materiais e Métodos

A presente pesquisa teve como objeto estudar os Núcleos Ecológicos do Vale do Paraíba, parques ecológicos de São Luís do Paraitinga e Bananal, analisando o potencial dos mesmos como forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável de sua região por meio do ecoturismo.

O trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica atualizada, de autores conceituados, por artigos e outras produções científicas e, também por informações contidas em sítios, tais como o da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

O Turismo

Consoante Fourastié (1979 *apud* RUSCHMANN, 2001), a palavra “turismo” surgiu no século XIX, no entanto a atividade estende suas raízes através da história. Algumas formas de turismo existem desde as antigas civilizações, mas somente após a Segunda Guerra Mundial, que ele evoluiu, em razão dos aspectos referentes à produtividade empresarial, o aumento do poder de compra das pessoas e a busca pelo bem estar pós-guerra.

Não é de muito tempo que o turismo estava restrito a uma elite que dispunha de tempo e dinheiro para realizar suas viagens. Atualmente, boa parte das pessoas dos países desenvolvidos, e um número considerável das pessoas dos países em desenvolvimento, realizam viagens mais de uma vez por ano, sendo assim o turismo já não é privilégio de poucos e cresce a cada dia proporcionando oportunidades para as cidades com atrativos turísticos (RUSCHMANN, 2001).

Desta forma entende-se que o turismo pode ser um agente poderoso de mudanças tanto econômicas como sociais, estimulando o emprego, aumentando investimentos e mudando o uso da terra. (MARTINS, 2002).

O turismo de hoje apresenta-se de várias formas. Viagens podem ser curtas ou longas e acontecer através de diversos meios de transportes, além de incluir hospedagens em diversos tipos de alojamento, ou seja, o turismo necessita de uma infra-estrutura considerável para poder se consolidar. As condições de vida no cotidiano fazem as pessoas procurarem nos feriados, finais de semana e férias locais afastados das cidades que proporcionam belezas naturais (RUSCHMANN, 2001). Conforme Sauer (1975 *apud* RUSCHMANN, 2001), além das condições atuais de vida, outros fatores contribuíram para o crescimento dos movimentos turísticos:

- A jornada de trabalho é mais flexível nos dias de hoje devidos a racionalização e aumento de produtividade nas empresas;
- A produção em massa dos veículos contribuiu para o uso cada vez maior de veículos facilitando para as pessoas realizarem viagens;
- O aumento de renda da população;
- O desenvolvimento de empresas que organizam viagens;
- Estímulos às viagens internacionais por meio da liberação das formalidades aduaneiras e demais facilitadores burocráticos;
- O crescimento da urbanização e conseqüente fuga do meio rural;
- A falta das áreas verdes e a vida conturbada nas cidades.

Segundo Trigo (2003), o turismo é uma atividade sofisticada que movimenta muito a economia e atinge muitas pessoas e entidades.

Muitos locais transformaram-se em complexos turísticos por diversas razões tais como: belezas naturais, núcleos ecológicos, históricos ou artísticos, grandes metrópoles ou complexos industriais.

Para Beni (1997, p.100) o turismo é uma atividade econômica, social e cultural que necessita de coordenação e planejamento do poder público para garantir o seu desenvolvimento e que este atenda a toda coletividade. Toledo et al. (2003) alerta que o turismo apresenta duas características intrínsecas uma de atração e outra de destruição, sendo assim o planejamento adequado é essencial à atividade.

Toledo et al. (2003) conclui que o turismo deve atender às expectativas de distribuição equilibrada dos seus benefícios para melhorar a qualidade de vida da região ou comunidade.

O turismo deve atender às expectativas da comunidade, dos investidores e dos turistas através de estrutura diversificada para atender aos vários tipos de objetivos. A adequação das instalações e serviços não deve agredir a natureza contemplativa. Estas ações inserem-se no planejamento turístico o qual apresenta 5 características específicas para seu atendimento ideal: alojamento, alimentação e bebida, transporte, entretenimento e informação turística. Estas características visam oferecer aos turistas a garantia de variedade de tipos de hospedagem, alimentação em geral, boas condições de transporte e acesso, atrações para atender a diversos gostos e por finalizar uma rede eficiente de informação e marketing para a divulgação da localidade (RUSCHMANN, 2001).

O Ecoturismo

A *Ecotourism Society* (*apud* LINDBERG; HAWKINS, 2002, p.17) define o Ecoturismo como “uma viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e preservar o bem estar da população local”. As Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo (1995 *apud* LINDBERG e HAWKINS, 2002, p.17) conceitua o ecoturismo como “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do meio ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas”. Assim pode-se entender que a promoção do ecoturismo deve contribuir tanto para a conservação ecológica da área envolvida quanto da população adjacente.

Segundo Pires (2002 *apud* GIATTI, 2004), o termo ecoturismo foi instituído em 1983 e representa uma forma de expressar diretamente turismo com ecologia. Foram os jovens viajantes, geralmente vindos de países desenvolvidos, que

realizavam viagens para regiões distantes do mundo abrindo mão do conforto e procurando aventura, ou seja, em busca do bem-estar.

Beni (1997, p.116) conceitua o turismo sustentável como “um processo preservacionista estratégico de desenvolvimento interativo e articulado, espacialmente localizado e delimitado”. O turismo da natureza para Roncero-Siles (2003, p.112) é “uma atividade de baixo impacto capaz de contribuir com o desenvolvimento sustentável e em muitas vezes é a única solução para regiões com economias estagnadas”.

Krippendorf em, *Tourism with insight* (1998, apud BENI, 1997) define as estratégias para o equilíbrio do turismo sustentável:

- Avaliar custos e benefícios;
- Definir as metas de desenvolvimento;
- Determinar a capacidade de carga ou transporte;
 - Assegurar a participação da população local;
 - Manter o controle para garantir que a propriedade fique na posse dos moradores da localidade ou região;
 - Perseguir uma política agressiva de planejamento do espaço e uso do solo;
 - Adotar uma política desenvolvimentista cautelosa, em que a infra-estrutura desempenha papel-chave;
 - Proteger a natureza e as paisagens efetivamente com acesso controlado, gestão de visitantes e outros meios.

Roncero-Siles (2003) complementa que o ecoturismo tem apresentado grande importância econômica tanto no volume de pessoas para sua prática quanto na quantidade de mão-de-obra empregada. Mas há considerações a fazer como a identificação da forma adequada de uso do bem natural através de estudos de impacto ambiental, da conscientização dos trabalhadores, turistas e da comunidade e ainda da aplicação destes resultados no desenvolvimento das atividades.

Através dos comentários de Lindberg e Hawkins (2002) observa-se que nas pesquisas os ecoturistas estão dispostos a despende altos valores em sua prática e que esta é uma oportunidade viável para países e locais em desenvolvimento gerarem receita e empregar sua mão-de-obra local. Apesar da maneira interessante de utilizar os recursos naturais para contribuir com a economia local é importante também evitar a degradação do meio ambiente através de estudos de impacto ambiental. Deve haver uma harmonia entre turismo, conservação e cultura (LINDBERG e HAWKINS, 2002).

O Núcleo Santa Virgínia e a Estação Ecológica de Bananal

Machado (2005) informa que “o Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação

de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica, científica, cultural, educativa, recreativa e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”. Desta maneira, esse elemento se torna um importante instrumento para o ecoturismo, pois foi criado com esse fim.

A região do Vale do Paraíba Paulista tem grandes condições de promover o desenvolvimento sustentável por meio do turismo.

O Núcleo Santa Virgínia e a Estação Ecológica de Bananal fazem parte das Unidades de Conservação administradas pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Esses dois parques são partes que compõem o Parque Estadual da Serra do Mar.

Conforme sítio da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (2006) o Núcleo Santa Virgínia localiza-se em São Luís do Paraitinga a 170 km de São Paulo e 360 km do Rio de Janeiro. Esse Núcleo conta com aproximadamente 17 cachoeiras, corredeiras, 3 principais rios (Ipiranga, Ribeirão Grande e Paraibuna) e afluentes, 3 grandes trilhas no interior do parque. Também há áreas para a exploração de ecoesportes tais como o *rafting*, *rappel*, *trekking*, *canyoning*, *cascading*, arborismo e tirolesa e, possui atrações em área de aproximadamente 20% do parque.

O sítio da Secretaria de Meio Ambiente (2006) também apresenta a Estação Ecológica de Bananal, criada há 19 anos e localizada na Serra da Bocaina que apresenta vasta riqueza em sua flora, fauna e caminhos históricos. A cidade de Bananal está distante 250 km de São Paulo e 200 km do Rio de Janeiro. A Estação Ecológica conta, além das trilhas históricas, de cachoeiras, rios e afluentes, proximidade a represa do Funil e oferece condições para as práticas do ecoesporte.

Ambos os parques contêm o seu Plano de Gestão Ambiental (PGA). O Plano do Núcleo Santa Virgínia tem 6 itens: gestão e infra-estrutura, proteção e fiscalização, educação ambiental e ecoturismo, caracterização ambiental, sustentabilidade econômica e interação sócioambiental. Para a Estação Ecológica de Bananal os itens do PGA são 5: administração e capacitação, proteção e fiscalização, educação ambiental e ecoturismo; caracterização ambiental e conservação e interação sócio-ambiental e regularização fundiária.

Todos os dois planos apresentam em seu enfoque o ecoturismo como fonte de sustentabilidade, porém a visitação ao parque continua baixa tanto quanto a exploração dos esportes de aventura. E ambas as cidades, São Luís do Paraitinga e Bananal, necessitam de criar oportunidades para o seu crescimento econômico.

Conclusão

Segundo Silveira (2000 *apud* Giatti, 2004), o turismo é classificado como a principal atividade econômica do mundo na atualidade, despertando interesse de muitas regiões, por suas possibilidades de geração de renda.

Segundo Trigo (2003, p. 111), “o turismo para trabalhadores em geral, jovens e crianças, idosos, deficientes físicos, naturalistas, minorias étnicas, culturais e religiosas, torna-se uma realidade a cada dia”.

Desta forma há de se pensar em investimentos no ecoturismo da região do Vale do Paraíba, pois esta região ainda não se encontra envolvida com a violência das grandes cidades, o que pode atrair turistas estrangeiros e do Brasil em busca de uma região com belezas naturais ainda pouco exploradas. Por outro lado há de se investir em políticas para divulgar mais o ecoturismo, bem como investir em infra-estrutura destes locais para garantir o desenvolvimento sustentável da região.

As duas unidades de conservação analisadas oferecem boas condições de localização e acesso, bem como instalações e serviços de hospedagem e alimentação, além de sua qualidade contemplativa de natureza exuberante e diversidade de opções.

Assim mesmo convivem com baixa visitação, por conseguinte, o objetivo de sustentabilidade não é atingido, mesmo com a elaboração de um adequado plano de gestão estratégica.

As características que apresentam a maior deficiência são: divulgação e promoção da região como atração ecoturística, sendo que não há uma política de procedimentos para isso. As agências turísticas da região estão preparadas para promoverem outras regiões, mas não conhecem, e nem exploram a própria localidade. Os administradores do parque, os governos estaduais e comunidade não investem num plano de divulgação nos principais meios de comunicação e feiras de turismo do eixo São Paulo - Rio.

Desta maneira se faz necessário a criação de um novo planejamento que seja audacioso, concatenando as ações entre uma ampla campanha de divulgação, agências turísticas, rede hoteleira e de alimentação, empresas de entretenimento e comunidade. E principalmente, realize benchmarking com outras localidades para orientar a aplicação das melhores práticas.

Referências

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 2004. 10 Ed. Senac São Paulo, São Paulo, 2004, 515 p.

GIATTI, L. L. **Ecoturismo e impactos ambientais na região de Iporanga - Vale do Ribeira - São**

Paulo, 2004. 210p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 10 jul. 2006.

LINDBERG, K; HAWKINS, D.E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 2002. Trad. Leila Cristina M. Darin. 4 ed. Senac São Paulo, São Paulo, 2002, 291 p.

MACHADO, A. **Ecoturismo, um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul**. 2005. Senac Nacional, Rio de Janeiro, 2005, 232 p.

MARTINS, E. C. **O turismo como alternativa de desenvolvimento sustentável: o caso de Jericoacoara no Ceará**. 2002. 164p. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 28 jul. 2006.

RONCERO-SILES, M. F. **Modelagem Espacial para Atividades de Visitação Pública em Áreas Naturais**. 2003. Dissertação (Mestrado) Instituto de Biociência da Universidade de São Paulo, Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 134p.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 8 ed. Campinas: Papirus, 2001, 199 p.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Projeto de Preservação da Mata Atlântica**. 2006. Disponível em <www.ambiente.sp.gov.br/ppma/projeto.htm> Acesso em: 01 de ago 2006.

TOLEDO, G. L. POLLERO, A. C. GALLO Jr, H. **Gestão do Turismo no Contexto do Planejamento Estratégico Regional: estudo de casos latino-americanos**. 2003. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, 2003, N. 14, pp. 21-30.

TRIGO, L. G. G. **Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2003.